



Grevistas da Esalq ficam sem salário

Mais de 200 funcionários que estão em greve na Esalq/USP ficaram sem o salário de julho. Documento informa sobre demissão voluntária. **PÁGINA 11**

Esalq: sem salários

Mais de 200 funcionários do campus tiveram descontados do pagamento os dias parados

JULIANA FRANCO

Da Gazeta de Piracicaba

juliana.franco@gazetadepiracicaba.com.br

A paralisação dos funcionários públicos das universidades estaduais de São Paulo – USP (Universidade de São Paulo), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e Unesp (Universidade Estadual Paulista) – completa 84 dias hoje. E como havia sido divulgado pela USP, no final de julho, os funcionários que aderiram ao movimento tiveram os dias descontados dos salários. No campus da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), 210 trabalhadores foram afetados e não receberam os pagamentos referentes ao mês de julho.

“Lutamos contra o arrocho salarial, contra o 0% de aumento, contra o corte de salários dos trabalhadores, contra a intransigência destes reitores e nos colocamos em defesa das universidades e do Centro Paula Souza, por instituições mais democráticas, por uma administração ampla e transparente”, diz o diretor estadual do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), Ony



Sintusp informa que circulou nos campi documento citando o plano de demissão voluntária e outras medidas

Rodrigues de Campos.

Por meio de nota da reitoria, a universidade informou que “a pedido dos dirigentes das unidades e órgãos da universidade, foram enviadas orientações relacionadas ao registro dos dias não trabalhados dos funcionários

que estão em greve, em todos os campi, nas respectivas folhas de frequência. Esses registros resultaram em desconto nos salários”.

DEMISSÕES

Apesar de a USP dizer não ter

informações oficiais sobre o projeto de demissões voluntárias, o Sintusp afirma que um documento foi distribuído dentro dos campi com informações e possíveis soluções para melhorar a situação financeira da universidade. Entre as

ações, o corte de três mil funcionários por meio da demissão voluntária é citado.

Além do plano de demissão voluntária, no documento constam outras medidas para diminuir a crise financeira, como a separação da universidade do Hospital Universitário; a destinação do centro de convenções para museus administrados pela Secretaria de Cultura; e a redução da jornada de trabalho dos professores, o que diminuiria o salário dos docentes.

Em nota, a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp) disse que as medidas são “brutais” e são “nada mais nada menos que o início do desmanche da USP”. A Adusp pede ainda que a reitoria “venha a público explicar-se sobre todas essas questões”.

Conforme publicado no jornal Folha de São Paulo, no final de semana, o custo do plano de demissão voluntária giraria em torno de R\$ 600 milhões. O valor seria recuperado em 20 meses com a economia dos salários dos três mil funcionários desligados.